

DR. BRAZILIO MACHADO

MADRESILVAS

VERSOS



PORTO
TYPOGRAPHIA CENTRAL
294, Rua das Flores, 296

1876.

Meu Poeta:

Queres duas palavras minhas na primeira pagina do teu livro.

Obedeço.

Sem direito de cidade n'esse mundo, todo teu, da poesia, comprehende-se que eu hesitasse em acudir ao teu honroso reclamo. Mas a rude compostura da fachada póde trazer um realce mais ás linhas harmoniosas da architectura interior.

Eis porque não quiz declinar da incumbencia. Ainda assim, venho realisal-a, sem a minima pretensão aos fóros de critico, e saudado apenas o teu livro com os emboras do amigo e com a brevidade que requerem os interesses meu, teu e de quem lêr ainda introducções, as quaes, aqui entre nós, vão passando de moda.

Projecção de um nome saudosamente lembrado na republica litteraria, não devias partir o fio de tão honrosas tradições. O teu livro é prova de que recolheste o triplice legado paterno do talento, do afetto ao trabalho e do amor ás boas letras.

Estrophes de um poema intimo,— notas da harpa do coração arrancadas no delirio do amor, nos arroubos do enthusiasmo, ou no pungir agri-doce das recordações felizes — eis as *Madresilvas*.

Vehemencia no sentir e suavidade na fórmula é o character dominante da sua inspiração. Estrophes ha

O do finado Brigadeiro José Joaquim Machado d'Oliveira.

que ao proferil-as parece o labio vibrar a um tempo o desespero de um desejo não saciado, e modular o fiebil queixume de uma saudade resignada.

A poesia, diz Villemain, e a leitura do teu livro o confirma, é muitas vezes uma cousa sem nome e sem feições distinctas, um capricho da phantasia, em que a impotencia da analyse é ainda um triumpho do gosto.

N'este caso estão muitas das flores do teu ramalhete de *Madresilvas*.

Não ha ahi unidade de ideias n'essas impressões de cada dia a se estamparem, sombrias ou alegres, na tua alma de poeta.

As *Madresilvas* são o écho de uma esperança que sorriu ou de uma illusão que se desfolhou; após

o resvalar de uma reminiscencia, o anseio da saudade; ora uma evocação soluçada á beira de um tumulto, ora esse idyllo sempre novo do amor. Em todo o quadro, porém, brilha o colorido de uma imaginação delicada e o reverbéro do sentimento — essa contractilidade das fibras d'alma, que se commovem diante do bello e estremecem dedilhadas pela paixão.

Em summa, o teu livro é uma grande esperança e uma brilhante promessa.

Enumerar-lhe aqui bellezas e lacunas, seria desviar-me do proposito que formulei, e prevenir a jurisdiction do publico, julgador mais competente. Devo comtudo dizer que o volume não é isento de defeitos, principalmente no que toca á metrificacção.

São incertezas do primeiro vôo que o futuro se incumbirá de corrigir.

Em todo o caso, as *Madresilvas*, florescia e primicias do teu talento, revelão exuberancia de seiva e uma vitalidade promettedora de fructos ainda mais sazoados.

A minha opinião, que tu desejavas, é essa.

Rio de Janeiro.

AURELIANO COUTINHO.

PRIMEIRO LIVRO

A volta

Elle vinha de longe. Achou deserto
o campo, e o lar aberto
a estranhos recebia.

Trajava a casa o manto da riqueza.
A mão da natureza
alli já não se abria.

Ai! se não fôra esse intimo attractivo,
na dôr sempre mais vivo,
mais vivo na saudade;

esse doce attractivo que nos liga
á sombra tão amiga
da morta mocidade...

que leva-nos bem longe do tumulto,
para prestarmos culto,
no altar de uma lembrança,

ás risonhas chimeras do passado,
tão cedo desfolhado,
qual sonho de criança...

por certo passaria — indifferente.
E a saudade silente,
das arvores suspensa,

não lançaria a cinza adormecida
na flor d'aquella vida,
esteril para a crença !

Mas, ao chegar, alguém inda o notara,
e logo perguntara:
quem era? o que buscava?

E essa pergunta lhe doêra tanto!
que em dous fios de pranto
seu rosto se molhava!...

Extranho ser! alli, ao pé do ninho,
quando a voz de um carinho
ouvir talvez pudesse...

Ai! ser extranho, quando alli vivera,
e, misero, prendera
o amor que não fenece...

Ai! ser extranho, quando mesmo a aragem
trazia da folhagem
não sei que som doído,

que lhe vinha fallar, e tanto, tanto!
n'aquelle desencanto
de um sonho esvaecido !

E quando tudo lhe inflammava a mente,
e a saudade dolente
seu coração abria ;

quando rodeado do que mais amara,
alguem lhe perguntara:
quem era? o que queria?

É verdade! bem como as borboletas
que fogem inquietas
do arbusto sacudido,

vão-se as lembranças, se no patrio ninho,
ou do extranho, ou do espinho
o braço tem cahido.

Mas tambem, quando volta o desterrado
as sombras do passado
agrupão-se ao pé d'elle:

e ao seio que a esperança não fecunda
sae da noite profunda
um anjo que as impelle

Elle vinha de longe. Achou deserto
o campo, e o lar aberto
a extranhos acolhia.

Em sua mão não viu a mão do amigo,
mas Deus n'aquelle abrigo
contente o recebia.

Flor no gelo

Pobre criança! entre espinhos
tua innocencia agonisa:
o viajante repisa
a morta flor dos caminhos.

Deixaste em noite sombria
tua grinalda ao relento...
Das flôres... nem sabe o vento
que uma a uma as partia!

Emquanto em languido riso
teus labios puros se abrião
aos sonhos que revivião
delicias do paraíso,

tu nem scismavas, criança,
que quando a virgem fenece,
a estrella que des'parece
leva comsigo a esperança!

Pobre! na alegre deveza
d'aquella casinha branca
onde tu' irmã, na barranca
do rio, chora em tristeza,

o campo flor não promette,
tudo na dôr se consome;
e o écho esquece teu nome...
nem tua mãe o repete!

A mãe! que noites sem somno!
que mágoas n'aquelles dias !
que terriveis agonias
na dôr d 'aquelle abandono!

Mas, oh! não voltes... O inverno
queimou-te as azas depressa:
e onde a irmãzinha adormeça
no casto seio materno,

não deves buscar asylo;
porque a ramagem do espinho
póde estreitar o bercinho
que se balança tranquillo!

Bem sei: —ha quédas immensas
que uma lagrima resgata;
mas não sei, pobre insensata,
se revivem mortas crenças...

Se assim fôr, chora, criança!
talvez do pranto que cáia
Deus forme a flor d'onde saia
o aroma de uma esperança!

Ave dourada

(N. MARTIN, *Mariska*)

Um pássaro cantava
sobre um ramo que flórido alvejava.

Era uma ave tão de ouro
que disseram-n'a — filha peregrina
do sol, o amante louro.

Como ao toque uma lamina que vibra,
á sua voz *crystallina*
tremia o coração, fibça por fibra.

E á minh'alma a esperança entumecia
de sonhos... mas o encanto se esvaía.

Ai! quando o verei mais, funda saudade!
o passaro de luz da mocidade!

Na walsa

(MÉRY)

— Um 'hora.

— A pendula mente,
meia-noite vae soar.

— Que baile este attrahente!

— Soberba festa, senhora,
festa completa, n 'est 'hora
em que estamos a walsar.

— Acha a *toilette* — brilhante
d' aquella loura mulher?

— Oh! n'este suave instante
não se desprendem, siquer,
meus olhos de uma walsante
que é formosa a mais não ser.

— Não agradou-lhe o *romance*
cantado tão bem aqui?

— Só vivo quando walsamos...
portanto nada eu ouvi.

— Esta walsa que dansamos
é de Strauss?

— Talvez... depois
toda a walsa é tão bonita!
marca o tempo só p'ra dois!

— N'este inverno ha muitos bailes...

— Eu não não frequento, não:
passo a noite ou nos theatros
ou no lar junto ao fogão.

— Tão moço! e já de neve
a mocidade cobris ?

— Tenho trint'annos. Passada
a primavera dourada,
apenas cáe-me esfolhada
alguma hora feliz.

— A ideia é nova!

— Tenho outra
que é tambem nova p'ra mim.

— Não é segredo ?

— Suspeito
que vós sois viuva...

— Sim.

— E desde quando?

— Ha dois annos.

— E gosta da viuvez ?

— Sim.

— Porque é repellente
um laço eterno, talvez...

O esposo é pouco indulgente...

— Pensai-o, se assim quereis.

— Não, a viuvez não lhe agrada;
seu sorriso assim m'o diz...

— Tambem só, me custa a vida:

podemos, pois, de dois males
formar destino feliz.

Assim, dá-me a sua mão?

— A minha ?

— Sim; nosso estado
não impede uma união.

Seus paes...

— São vivos.

— Qu'importa ?

elles jámais poderão
contrariar o destino.

Vivos, na morte elles 'stão.

— Foi seu pedido — apressado!

— Não estamos no paiz

da Escossia; e todo noivado

de Lammermoor é infeliz...

Não faremos festa alguma

de esponsaes: — em bons caminhos

não ponho o pé nos espinhos.

Casaremos amanha...

— Amanhan ?

— Ou nunca!

— Extranho

caso igual inda não vi.

— Que tem? é cousa mais simples
que pôr um ponto no i.

— Como se chama?

— Meu nome?

Pedro ou Paulo, qual quizer.

Qu'importa o nome de um moço?
sem ter um, mais posso ter.

Sou rico. Minha fortuna
não é mesquinha, nem van:
consta de acções e de apolices...
Findou a walsa.

— Amanhan.

Reminiscencias

Oh! não toqueis assim n'esse piano...
Essa musica é triste como a morte:
as notas se desprendem, como a lagrima
gotteja sobre um tumulo.

A corda chora, e no contacto sente
uma outra mão que não a d'elle... morto.
E ao retrahir-se deixa um som que é lugubre,
ou um gemido tremulo.

Foi seu canto de cysne... Pobre amigo!
nunca pensara desfolhar tão cedo
o risonho porvir, e cedo á gloria
prender um laço funebre.

Não pensara deixar tão cedo a estrada
cuja poeira os louros escondião,
e trocar as grinaldas estellíferas
pelos goivos funéreos.

Não evoqueis a sombra! no cypreste
a rôla da saudade geme ainda.
A aza do tempo sobre o marmor gelido
não apagou seu distico.

E é tão doída essa saudade immensa,
que eu vos peço, senhora: do piano
não arranqueis esse gemido extremo.
Não aperteis a cicatriz que dóe-me
contra a lage de um tumulo!

A Estrela

Tu és a vela dourada
do azul abysmo dos céus,
ilha que vaes embalada
ao sopro d'aza de Deus.

Quando a tarde morre, e o monte
nafraga em sombrio mar,
e as aves dobrão a fronte
no occulto ninho a sonhar;

sacodes do céu distante
com tuas azas de luz
uma chuva scintillante
sobre os paramos azues.

E corta a quilha encantada
do infinito os largos véus,
ilha que vaes embalada
ao sopro d'aza de Deus.

II

No vasto lençol da vaga
peregrina a luz que cáe
se estende de plaga em plaga:
é teu arauto que vae,

que vae erguer as ondinas,
á noite, para apanhar
na onda as flores divinas
que derramas sobre o mar.

E cáem scentelhas mimosas
do astro que des'rochou,
como um punhado de rosas
que o vento ao lago atirou.

E brinca a luz desfolhada
que sacodes de teus véus,
ilha que vaes embalada
ao sopro d'za de Deus.

III

Mas, d'onde vens? qual teu norte?
que sina cumpres além?
não te alcança a mão da morte?
o Eterno não te detém?

Qu'importa ? sigo teu passo,
peregrina da amplidão,
tu és o sonho do espaço,
do infinito o coração.

Deixa-me, pois, nas caladas
da noite, os olhos erguer
para as regiões azuladas
em que te vejo tremer.

E envolve est'alma apagada
n 'um longo brilho dos teus,
ilha que vaes embalada
ao sopro d'aza de Deus!

Uma noite em S. Paulo

Minha terra é o paiz das serenatas
por noites de luar,
emquanto a névoa em tremulas cascatas
no rio vem boiar.

As frautas, do violão ao som doído
aqui sabem dizer
os segredos do amor, saudades vivas
dos annos de prazer.

Jámais em labios rubros de hespanhola
a cantiga gemeu
como uma só das bellas serenatas
que escuta o nosso céu.

Jámais o gondoleiro do Rialto
que a onda acalentou
mais doce canto ás auras do Adriatico
á noite suspirou.

Em meu paiz o canto do *tropeiro*
sentado ao pé do lar,
ou do *rancho* nos êrmos, onde a lua
encontrou-o a sonhar;

a cantiga do escravo suspiroso
no exilio do sertão,
quando ao dia que morre elle despede
sua patria canção;

as *tyrannas* doídas que a viola
chorando desprendeu
acordão mais o genio da saudade
na sombra d'este céu...

Nosso canto aprendeu as melodias,
seus hymnos virginaes,
da cascata no tremulo murmúrio,
na voz dos sabiás...

Minha terra é o paiz das serenatas
por noites de luar...
Vinde, filhos de além, vêr quanto é doce
sob a curva do céu aqui sonhar!

Soneto

Ella partiu. Sorria-lhe a esperança
como um raio de sol do mar á flor;
e aquella nobre fronte de criança
cingia os sonhos de um primeiro amor.

Depois eu vi-a. O iris da bonança
desfolhava no céu já frouxa luz:
e aquella nobre alma de criança
sentia a sombra da primeira cruz.

A vida é isto mesmo. Abre-se um dia,
desabotôa a caule: — é a mocidade...
Desce da altura magica harmonia.

Depois os sonhos da formosa idade,
como as aves que arrasta a ventania,
perdem-se além...

Em nós fica a saudade!

O beija flor

Á SUZANNA

Beijaflor das pennas de ouro
que vãos de flor em flor,
onde é que tens o thesouro
da prole do teu amor?

em que florido raminho
foste prender o teu ninho?

Conheço os arbustos verdes
onde as aves vão dormir;
mas tu na selva te perdes
quando te quero seguir...

E embalde pela folhagem
vejo o rastro da passagem.

Sei o lugar onde insectos
em c'rôas se vão formar,
e em adejos inquietos
poem-se á tardinha a bailar;

só tu me occultas, medroso
o teu ninho perfumoso.

Quando esvoaças no prado
a rosa treme de amor,
e abre o seio córado
porque és o noivo da flor...

E desces, desces a ella
tanto, tanto! beijaflor!

E a brisa expulsa do calix
onde procuras pousar,
a borboleta dos valles
e as abelhas do lugar;

p'ra que não saibas que as flores
voluveis são nos amores.

E eu, contemplando estas scenas
espero que a viração
erga-te as azas pequenas
para a azulada amplidão,

e desça contigo aonde
teu alvo ninho se esconde...

E desça para embalar-te
mimoso filho do céu,
no berço, que em toda a parte
debalde procuro eu...

no berço que eu imagino
ser um lyrio pequenino!

Beijaflor de pennas de ouro,
tu que és o noivo da flor,
não escondas o thesouro
da prole do teu amor!

Para o seio d'estas rosas
traze o ninho, beijaflor!

A família

Eu conheço um abrigo, onde a esperança
de pennas de ouro revestir-se vae,
onde das crenças o evangelho lemos
sobre uns joelhos de mãe,
e aprendemos a crer na virgindade
ao pé de nossa irmã!

É o ninho da família.

O desengano
mui raras vezes se sentou chorando
d'aquella porta ao pé.
E quando ao mundo a aspiração nos leva,
ha sempre um beijo que depor, sentido,
até no musgo que reveste o muro.

Alli, sobre a criança que respira
as aragens do céu, da terra em meio,
seu pallido semblante a mãe debruça;
e os olhos dizem o que os labios calão,
e o beijo conta o que o amor, baixinho,
ao coração segreda.

Sorrindo Deus contempla aquelle grupo...
e abrindo a mão que as esperanças enchem,
por sobre o chão derrama os louros fructos
da harmonia e do amor,
como a chuva no campo orvalha os lyrios.

Depois no lar o sol da mocidade
rebenta ao lado do luar dos velhos.

A mão rugosa no semblante louro
que a aspiração eleva,
encontra sempre luz, futuro e crenças,
ella — que apalpa da ruina o muro,
e enxuga os olhos, cujo pranto é gêlo!

E é tão fecunda a primavera d'alma,
de seu thesouro immenso
tanta vida prodíga a mocidade,
que é menos fria junto d'ella a sombra,
menos esteril do sepulchro a terra.

Depois... lá vêm os annos da ventura,
abrindo os braços, murmurar: adeus!
e nós partimos, tristes, impellidos,
como folhas — no dorso das enchentes,
como nuvens — nas azas do tufão!...

Antonio de Castro Alves

RECITADA NA SESSÃO FÚNEBRE QUE, EM MEMORIA DO POETA,
CELEBRARÃO OS ACADÉMICOS DE SÃO PAULO,
NO DIA 8 DE AGOSTO DE 1871.

É tarde! é muito tarde! o templo é negro...
O fogo-santo já no altar não arde.
Vestal! não venhas tropeçar nas pyras...
É tarde! é muito tarde!

CASTRO ALVES — *Espumas fluctuantes.*

É tarde! é muito tarde! nos caminhos
elle cedo encontrou a noite escura:
e unidas, como irmãs no mesmo berço,
'stavão a lyra e a cruz na sepultura...

É tarde! é muito tarde! o seu futuro
como luz se atufou no mar profundo.
E Deus na terra estende uma mortalha
para um talento mais do novo mundo.

Quanto sonho gelado n'uma noite!
quanta estrella tombada n'um momento!
quando ella, — a noiva negra, recebia
o poeta — da cruz do soffrimento!

O futuro era vasto. Como o passaro
soerguido no pincaro dos Andes
imbebe o olhar na dupla immensidade
do grande espaço e das savanas grandes...

elle sentira desdobrar-se immenso
por sobre o mundo o céu da liberdade;
e presentíra as vozes do futuro
na acclamação febril da mocidade.

E a mão repleta a transbordar de louros,
a fronte unvida a derramar ideias,
na dupla cruz do povo e dos escravos
elle traçou sublimes epopeias.

Erguêra os redivivos. Do passado
lançou as glórias — do porvir ás telas,
e sobre as cinzas desfolhou cantando
do seu talento as magicas estrellas...

No emtanto uma ave negra enverga as azas,
as fibras do sonhar gemendo estalão,
e, flores derramadas na corrente,
vinte annos no tumulo resvaláo...

É tarde! é muito tarde! que mais resta
da esplendorosa luz que o sol derrama?
como negra mortalha o céu é negro,
vaga nas selvas funeraária chamma...

Da grande náu as vergas estaladas
boião na face escura do oceano;
e ao latego do vento a onda aberta
sente o baque de um corpo soberano.

É tarde! mas na flor do firmamento
Deus abre agora estrellas fulgurantes...
e sobre a vaga adormecida, ao longe
passão boiando — *Espumas fluctuantes!*

Jaraguá

É este o meu patrio monte
que junto ao rio cresceu,
e que envolve a idosa fronte
nos nevoeiros do céu.

Não temas, não, viajante,
ao vêl-o erguido no sul:
tem aguias — são andorinhas,
e seu hombro é todo azul.

Primeiro beija-lhe a aurora
a larga fronte sem par,
indo após suas coroas
uma por uma espalhar;

como uma filha que beija
de seu pae a velha mão,
e depois vae as cortinas
correr do berço do irmão.

Circulando o vulto immenso,
ao sol que tombando vae,
uma auréola de incendios
fulgurante d'elle sáe.

Altivo, como na America,
do condor aos colibris,
tudo é soberbo, arrogante,
sentindo o sol do paiz;

bem como um velho cacique
de seus guerreiros ao pé,
elle guarda a cordilheira
que azulada além se vê...

Guarda nos labios de pedra
de arruinadas gerações
os échos de mil triumphos,
o canto das tradições.

Quantas tribus desgarradas
de seus pés em derredor
vierão erguer as tabas
sonhando um valle melhor!

E este foi seu patrio monte,
estes valles forão seus...
O monte, os valles ficarão...
dos indios... só sabe Deus!

Oh viajante, não temas
ao vê-lo erguido no sul,
a frente, cheia de nevoas,
nos hombros um manto azul.

Ruinas

Agora, cresce o cardo, o espinho estreita
n'um abraço de morte minhas flores;
a serpente sem medo agora espreita
a vinda dos dourados beijaflores.

Sem firmeza, os quebrados jasmineiros,
que outrora balançavam-se no muro,
esmagão a violeta dos canteiros
onde saltão os grillos pelo escuro.

Embalde ha primavera: é tudo inerme,
tudo cedeu á cólera dos annos...
apenas eu fiquei para envolver-me
no circulo fatal dos desenganos.

Ao pé da fonte a trepadeira pende,
e a terra se esboroa d'ella-em volta:
o esteio que a ramagem lhe suspende
em pouco tempo vae deixal-a solta.

Não vejo mais alegres passarinhos
que á tarde vinhão me saudar cantando;
planta bravía cresce nos caminhos,
e o musgo vae nas pedras se alastrando...

Deserta a casa está. Como andorinhas,
andorinhas que vão morrer no exílio,
os habitantes... ai! lembranças minhas,
como sabeis doêr n'alma de um filho!...

Meu pae e minha mãe... ambos partirão,
ambos partirão e não mais tornarão!
Prantos, riso, após elles me fugirão...
depois apenas lagrimas voltarão...

Nos momentos então da despedida,
ao fechar-se p'ra sempre aquelle abrigo,
senti perder metade d'esta vida,
e maior a tristeza ir-se commigo...

Cada pedra do muro uma lembrança
resguardava solícita de outr'ora:
ou talhada por dedos de criança,
e portanto festiva como a aurora;

ou turgida de mágoa, dôr immensa,
mas inda assim, meu Deus, deixando aberto
o caminho por onde a loura crença
pudésse vir de nós brilhar mais perto!

No entanto a noite desce. Os vagalumes
não vêm mais trebelhar n'estas devezas:
o silencio apagou da noite os lumes
no manto das tristezas.

É preciso esquecer as primaveras,
arrancar da colmêa as abelhinhas,
entregar ao sereno, ao cardo, ás heras,
o ninho de andorinhas.

É preciso partir, deixar sentido
as auras que alegrarão-me o retiro;
derramar este pranto dolorido,
suspiro por suspiro!

E eu deixo o lar entregue ás noites frias...
do esquecimento ? não, meu pobre ninho,
embora ao meu encontro despedisses
apenas a saudade...
quando podia achar tanto carinho!

O drama

AO ACTOR, LUIZ C. DE AMOÊDO

Ella é bella... bem sei! mas não se move!

É sombra — e não mulher!

CASTRO ALVES.

O drama é uma estátua erguida. Bella e morta,
tem labios e não ri; tem olhos, mas não vê.

O palco é o pedestal augusto... mas qu'importa?
se a vida não palpita, e marmor' tudo é!

Mas se no pedestal, no placido proscenio,
o artista solta a voz e falia o coração,
a estátua reconhece o influxo do genio,
e chora e canta e ri na estranha commoção.

A pedra um'alma sente; o marmore estremece:
é vida o que era morte; o que era gelo é flor;
e a agitação do genio em torno cresce e cresce
no embate da paixão, no impeto do amor...

Então o drama é livro: o palco é uma escóla.
Dá vida, não corrompe; eleva, não desfaz:
os prantos da virtude... enxuga-os e consola...
os arrancos do vicio... algema-os, tenaz!

Do paço até a miseria a vida inteira alcança...
ruge em cólera aqui, além falia em clemência:
n'alma do perseguido — entreabre uma esperança!
no espirito do algoz — desperta a consciencia!

E enquanto em tua mão palpita e vive o drama,
e a estátua cobra vida, — enfloras os lauréis
que em toda a parte o povo esplendido derrama
quando ergue-se no palco um genio... como és!

Piracicaba — 1876.

A margem

I

Era na margem do rio.
Por cima, das trepadeiras
abrem-se as flores primeiras;
em baixo o abysmo sombrio,

todo enredado de espinhos,
onde o rio ergue no fundo
seu ronco, — o *baixo* profundo
na orchestra dos passarinhos,

que no alto abrem as pennas
da aurora ás luzes serenas,
borboletas junto á flor!

São trepadeiras — os sonhos,
o abysmo — a vida, risonhos
cantão poetas o amor!

II

Depois transmuda-se o quadro.
As pet'las cáem na voragem,
o ramo sem a folhagem
figura um despido altar.

Mas no fundo a mesma vaga
negra na rêde de espinhos...
eis o tum'lo; mas os ninhos?...
onde as aves vão cantar?

E pela margem apenas
abrem-se as flores pequenas
do musgo dos pedregáes...

São flores mortas os sonhos,
o abysmo — a vida; tristonhos
os poetas não cantão mais!

Rosa mystica

A EMÍLIO DO LAGO

Rosa mystica é um nome que resvala
perfumoso nos lábios da criança,
e que baixinho nos ouvidos sôa
como um hymno suave de esperança.

Rosa mystica é um extasi divino
que em nossas almas entreabre flores,
e nos conduz sobre douradas azas
para o paiz do encanto e dos amores.

Rosa mystica é a lagrima da aurora,
nas folhas da açucena á madrugada;
passa a brisa do campo, a gotta brinca
no alvo seio da flor immaculada.

Rosa mystica é um canto mysterioso
que n'alma imprime um não sei quê de santo;
nota chorosa que dos labios foge
deixando os olhos sob um véu de pranto.

Rosa mystica é a prece no perigo,
a oração de uma mãe junto do berço;
o marinheiro a lê no céu dos mares
quando o espaço na noite fica immerso.

Rosa mystica é a gotta perfumada
que a borboleta entre as florinhas pede;
astro nas sombras; no rochedo — fonte
onde o passaro vae matar a sede.

Rosa mystica é a pagina dourada
em que primeiro o coração soletra;
pagina santa que se imprime n'alma,
como ensinos de mãe, letra por letra.

Rosa mystica é a voz que ainda falla
da vida aberta ao sol das innocencias,
e no exilio nos faz abrir o livro
onde Deus escreveu — *reminiscencias!*

Velho Thema

Tudo assim vae: a luz p'ra o ádito sombrio,
o verme para o fructo, a flor para o paul;
as azas sobre a chamma; o ninho pelo rio;
o espirito na sombra, as nuvens pelo azul;

o fonte para a pedra, a lagrima nos cilios,
nos labios o soluço, o coração na dôr;
a nena compassando o canto dos idyllios,
neblina sobre luz, ciume sobre amor;

a neve em campo azul, os lyrios e a saudade,
o tédio, o sofrimento em plena mocidade,
dos espinhos no ramo, em bando, os colibris...

No entanto quando vem da morte a imagem nua,
ave tonta, noss'alma em lagrimas recúa,
se debatendo ao pé do tumulo... feliz!

Miserere

AO AMIGO, PADRE F. DE PAULA RODRIGUES

Oh! lembrai-vos, Senhor, de minhas dores,
d'esses élos de ferro que me apertão:
dos olhos meus as lagrimas desertão
d'esta febre aos queimores.

Meu pensamento fixo n'rma ideia,
dolorosa, fatal, profunda, immensa,
vê minh'alma entornando, crença a crença,
seu thesouro na areia...

E da lucta tremenda em que me estorço
tenho medo, Senhor, porque succumbo.
Em minhas veias, derretido chumbo,
vae meu ultimo esforço.

E sinto-me suspenso sobre um êrmo...
ólho em volta de mim... tudo calado!
apenas vêm as azas do passado
bater meu rosto enfermo...

Vêm as azas tão frias, ensopadas
da negra noite na fatal geleira,
apagar minha estrella derradeira,
minhas visões douradas.

E esqueceis, oh meus Deus! em minha vida
não ha sonho, esperança que não tenha
sua gotta de luz, e que não venha
de minha mãe querida!

Foi por ella, eu me lembro... um dia ergui-me,
depuz dos hombros o mundano manto,
e me entreguei no sacrificio santo
a vosso amor sublime.

Foi por ella, Senhor... troquei as flores
da corôa da gloria por espinhos:
e fui erguer da sombra dos caminhos
os lassos viajores...

Foi só por ella... abandonei contente
as emoções suaves da família:
da humanidade, vossa grande filha,
fiz-me apostolo ardente.

Oh! tudo foi por ella... Emtanto agora
n'est'alma vindes derramar a morte;
fraco tornastes quem se cria forte,
nos arrancos d'ess'ora.

Pois bem, Senhor, vossa vontade é santa,
sois o infinito, eu... peregrino e fraco;
mas se com lagrimas vos não aplaco
minh'alma se aquebranta...

Vêde... é tão doído não ter seio
onde a força p'ra dôr se recupera...
e n'um tum'lo sentarmo-nos á espera
do derradeiro anceio...

Oh Christo! não ter mãe é tão doído,
vem tão profundo o golpe que me déstes,
que cuido inda ter mãe! e dos cyprestes
fujo ao triste gemido!...

Mas, ai! quando a illusão cede o terreno,
e escuto ainda o verbo da desgraça,
sinto que o coração se despedaça,
que p'ra dôr é pequeno.

Do meio então da soledade extranha,
para o céu minhas supplicas se elevão:
— ao galho e ninho que as enchentes levão
o passaro acompanha.

Entretanto de vossa lei divina
não mais se queixarão os labios meus...
Mas antes de partires, peregrina,
alma! dize, chorando:
oh minha mãe... adeus!

Pelo rio

Sobre a vaga resvalando
 corre brando,
 corre brando,
meu barquinho seductor:
tens a pãpa toda em flores,
 dentro — amores,
 dentro — amores
do ditoso remador.

Inda é cedo; as estrellinhas
vêm sósinhas,
vêm sósinhas
nos seguindo lá do céu.
Do barranco os vagalumes,
em cardumes,
em cardumes,
luzem no sombrio véu.

D'este rio na planura,
noite escura,
noite escura
não encontra o teu senhor ;
d'aquella volta o arvoredado
mette medo,
mette medo
na dona do meu amor.

Erão duas criancinhas,
que sósinhas,
que sósinhas
inquieta forão brincar

no fundo de uma canoa,
que tão bôa,
que tão bôa
nenhuma houve no lugar.

Mas passou a correnteza,
não mais prêsa,
não mais prêsa
foi a canôa e fugiu...
E as criancinhas, sorrindo,
ião indo,
ião indo,
até que á volta do rio,

a canôa sem um remo
n'esse extremo,
n'esse extremo
a *corredeira* encontrou...
E a canôa foi virando,
se afundando,
se afundando
as criancinhas matou!

Por isso dizem que á noite
 não se afoite,
 não se afoite
mulher no rio a passar...
Passando alli, não ha moça
 que não ouça,
 que não ouça
de criancinha o chorar.

Como frades se debrução
 e solução,
 e solução
os cerrados taquaraes;
e luzinhas do outro mundo
 sáem do fundo,
 sáem do fundo
dos visinhos pantanaes.

D'este rio na planura,
 noite escura,
 noite escura
não encontra o teu senhor:

d'aquella volta o arvoredó
mette medo,
mette medo
na dona do meu amor.

E quando sem ella eu passo,
frouxo o braço,
frouxo o braço,
o remo não gyra mais;
e nós no rio passamos,
como os ramos,
como os ramos
que vós, enchentes, levais.

Corre... corre... ella me espera
na *tapera*,
na *tapera*
lá da beira do sertão.
Ouve inquieta o murmúrio
que do rio,
que do rio
as brisas levando vão.

Das florestas nas clareiras,
forasteiras,
forasteiras
as pombinhas vivem sós?
não têm ellas em seus ninhos
seus carinhos,
seus carinhos ?
pois, como ellas somos nós...

Sobre as aguas resvalando,
corre brando,
corre brando,
meu barquinho seductor:
tens a popa toda em flores,
dentro — amores,
dentro — amores
do ditoso remador.

Piracicaba

Sacóde os hombros nós, oh noiva da collina,
que a luz da madrugada encheu o largo céu;
e arranca-te das mãos o manto da neblina
que ondula sobre o rio, enorme e solto véu...

Ergue-te, oh noiva! a aurora acorda e orvalha os ninhos,
beija o vasto horisonte e a pequenina flor;
levantão-se no espaço em bando os passarinhos,
descem de além frescura, luz e paz e amor.

Aberta pelo vento, a humida palmeira
agita o verde leque em fundo todo azul;
como o cocar do indio, em pé na cordilheira,
se abria em pleno ar, á viração do sul...

Envoltas pela noite, as perolas celestes
se deixarão levar a outras amplidões:
mas eis que surge além, entre douradas vestes,
o sol, bordando a ti de magicos listrões.

Desperta, oh india, ao sol! O rio o corpo estende
e anilado a teus pés vae murmur se quebrar...
ai! vendo que a alvorada em sonhos te surpr'hende
n'est'hora em que parece á terra o céu baixar.

O rio é teu amante. Irrompe entre collinas,
como o jaguar que avista a companheira e vae...
mas vendo-te, ao chegar, quão bella te reclinas,
estaca de repente, e a furia o arroja, e cae!

E a furia o arroja, e cae... Do precipicio ao fundo
atira o corpo e cava as pedras a bramar:
e espedaçado sóbe, e espedaçado afunda
no abysmo que se alarga e tenta-o suffocar!

E o dorso bate a pedra, enraiva-se a torrente
que em cascatas do *throno* erguido resvalou...
E salta a espuma branca em chuva alvinitente
onde o iris do céu em curva se formou...

Pela bôca do abysmo as aguas repellidas
enchem a vastidão de ronco atroador:
— e rolão pelo rio a plagas não sabidas
os murmurios da onda, a voz do *tombador!*

Depois abre-se a cava enorme onde o combate
só n'o conhece o rio e o abysmo que o attrahe:
em baixo ferve a lucta: a onda a cóva bate...
por cima a calma fria: a onda sóbe e vae...

a onda sóbe e vae serena, extenuada,
depois de pelejar perder-se além, além;
e sente á tona d'agua a quilha já cansada
trazendo o pescador que rio acima vem.

E tu, formosa india, em pé sobre a collina,
sentes da onda azul o languido bater;
emquanto sob o véu da tremula neblina
ruge a cascata além, sem vir interromper...

sem vir interromper a paz, em que te embalas,
o amor, a luz, a graça — adornos que são teus.
Cercou-te o Creador de peregrinas galas...
deu-te uma terra em flor, cheios de luz os céus.

Deu-te o horisonte azul que tem a minha terra,
minha terra natal, meu ninho encantador.
Só a c'rôa não tens d'essa saudosa serra
que cerca em meu paiz, a varzea toda em flor.

A tua noite envolve as mesmas estrellinhas,
a mesma poesia, a mesma luz divina;
como lá, eu bem sei, o bando de andorinhas,
aqui recorta o céu, na hora vespertina!

Deixa-me, pois, que eu sonhe, ao vêr-te reclinada
banhando os alvos pés, do rio n'onda azul,
que eu sonhe a minha terra, a perola dourada
suspensa longe... longe... entre as névoas do sul!

Destino

Ai! borboletas
de negra cor,
que andais buscando
da noite a flor,

que dos lampiros
seguís após,
porque scentelhas
não tendes vós,

Deus — nossos fados
prende n⁷um só:
luctar nas sombras e cair no pó!

O derradeiro adeus

AO AMIGO, DR. AURELIANO COUTINHO

Mais feliz do que nós...
Não sentirás n'este areal deserto
— Na morte d'alma a vida ;
No vivo coração tua propria tumba !
JOSÉ BONIFACIO.

Na sala mortuaria, em meio de soluços,
pálida, fria, morta, em fúnebre caixão,
ella estava estendida. Aos olhos semi-abertos
lançava branca luz das velas o clarão.

E o Chrísto alli curvava o lívido semblante,
como um pae contemplando a filha agonizante.

Ninguem chegava alli, qual fria testemunha
de quanto o desespero tem de esmagador...
Ao pé d'aquella morta erguia-se a saudade
e se achava pequena em frente de uma dor!...

tanto soube cavar da morte a mão escura
n'um thalamo de amor. — profunda sepultura...

Mas quem succumbe assim? quem desce para os mortos
pisando sobre o chão que humedecido está
d'esse orvalho da dor, que lagrima se chama,
do expontaneo chorar que o sentimento dá?

Quem volve ao céu banhada em luzes de uma estrella
e deixa o pobre lar em lagrimas por ella?

Oh! não, não pergunteis... É o anjo da família
que as azas recolheu e vae-se debruçar
aonde não mais desce o halito da vida,
aonde a eternidade estende o longo mar...

e deixa após de si a noite no seu pouso
por mãe dos filhos seus, por anjo de um esposo!

É a ave que do ninho erguido entre perfumes
cahiu ferida ao chão... depois não mais se ergueu;
e veio o pobre esposo achar o ninho — frio,
e os filhinhos chorando ao pé do leito seu...

Desfolhárão-se a um tempo as c'rôas da ventura,
quando ella, esposa e mãe, descia á sepultura...

Não mais d'aquelle seio estanque pela morte
Deus ha-de abrir o fóco esplendido do amor:
duas vezes na vida aos labios não se leva
d'este nectar divino o calix seductor.

Se flores dér o valle — o frio ha de tolhêl-as,
ha de a nuvem passar — se surgem as estrellas!

No emtanto é vinda a hora! a eterna despedida!
o beijo derradeiro, o derradeiro adeus!
e á porta um vulto negro, e tremulo, chorando,
repentino assomou por entre os filhos seus.

Silencio... era elle, o esposo estremecido e terno,
que ia á morta dizer o seu adeus eterno!

Quando elle appareceu, e foi a passos lentos
caminhando, e do esquife ao pé mudo parou,
ergueu convulso a ponta ao mortuario crepe,
e, sublime na dôr, o beijo desatou...

E o derradeiro olhar cahiu tão doloroso!
ultimo vôo d'alma, e d'alma de um esposo!...

Depois, quando elle ergueu a pequenina filha
que tambem vinha alli da mãe se despedir,
e pelo seu semblante a dôr cahiu em lagrimas,
que então foi mais tremenda a hora do partir:

houve um momento alli de commocão tão forte,
que, se não fôra tarde, abalaria a morte!...

Depois tudo findou-se. A virgem da saudade,
de goivos coroadada, ás supplicas conduz
ao Christo que, suspenso ao muro solitario,
parecia dizer: — já não 'stou só na cruz!

São Paulo — 1871.

Desillusão

Bem sei que á sepultura do proscripto
ave alguma do céu, em vôo errante,
passando saudará;
que apenas do cypreste gottejante
sobre a lapida fria de granito
um pranto rolará.

Bem sei que pelos paços da memoria
ninguem repetirá de minha historia
a pagina ao porvir;
que mortas cahirão no esquecimento
as flores que meu pallido talento
poude distribuir.

Oh! nem eu quero, não, em fastos d'ouro
ter meu nome cingido por um louro
de gloria, e gloria van:
eu, que rosas colhi pisando espinhos,
posso ainda seguir n'estes caminhos,
hebreu sem Chanaan.

De meu berço na cupola sombria
apenas uma cruz eu distinguia
pendida sobre mim.
Carreguei-a, sósinho, amargurado;
e a minha companheira no passado
segue-me ainda... oh! sim!...

Qu'importa que sómente a luz da lua
bata sombria pela pedra núa
 que sobre mim vier?
que uma aragem carregue em noite escura
flores, que junto á minha sepultura
 o amigo depuzer?

Eu sei que tudo é vão... bem pouco vales,
oh flor da gloria, que entreabriste o calix
 ao meu doudo aspirar...
Como flor, sopra o vento e te desfolha!
e pelo chão, depois, folha por folha,
 alguem te vae pisar...

Oh! nem eu quero, não, sobre o futuro
transformar o meu nome, — um ponto escuro,
 na estrella da manhan...
Eu me envolvo no manto do passado,
vendo o deserto immenso, illimitado,
 hebreu sem Chanaan!

SEGUNDO LIVRO

A

MARIA LEOPOLDINA

Ergue este ramo solto em teu caminho,
Sei que em teu seio asylo encontrará;
Só tu conheces o secreto espinho
Que dentro d'alma me pungindo está!
F. VARELLA .

.... sauvez de l'oubli quelques-uns de mes
vers.

MILLEVOYE

Sobre as azas da esperança
meus versos tímidos vão
buscando um berço, criança,
em teu virgem coração.

Humidos vão de pranto,
ou dourados pela luz...
a luz é tua, portanto,
a lagrima é d'esta cruz.

E eu sei que não m'os repelles...
pois nascêrão todos elles
á sombra do teu amor:

são pennas para um só ninho,
vozes de um mesmo carinho,
abelhas da mesma flor!

Alvorecer

Rolai pelas brancas plagas,
vagas
por onde a lua
nua
arrasta um véu de pallor;
rolai! eu desprendo as vélas...
Derramai luzes, estrellas!
surgi, puríssimas perolas,
das ondas,cerulas
á flor!

Quando a amorosa esperança
cansa
de orvalhar o coração,
devemos erguer um canto,
pranto
ás eras que lá se vão...

Oh! deixem, pois, que eu descante,
cante
a aurora de um sonho meu.
Antes que a morte o apague,
vague
meu pensamento no céu...

Rompe a luz, tudo se agita.
Vem! que a semente bemdita
do amor
quer teus seios — por terreno,
os teus prantos — por sereno,
quer os teus lábios—por flor!

Além nas praias remotas,
notas
a tua estrella polar ?
pois bem: fujaamos das plagas,
vagas,
trazei-me os cantos do mar...

A Mulher

Ha pelos mundos um pendor divino
da luz p'ra o céu, da viração p'ra a flor,
do fio d'agua p'ra as campinas verdes,
de nossas almas... respondei, amor!
Do berço á cova, do sorriso á lagrima
ha sempre um sonho que nos chama e quér.
E nós cahimos descuidados, prêsos
nos róseos dêdos de gentil mulher.

Podem as auras não abrir os lyrios,
o rio, o mar não reflectir o céu:
mas dentro em nós, ai! não ha flores mortas,
se amor as cobre com dourado véu...
Visão perpetua, borboleta branca,
o amor tem azas mas se foi prender...
no sol? na treva? na amplidão? no abysmo?...
nos róseos dêdos de gentil mulher.

Por isso quando nós, crianças doudas
interrogamos do porvir o mar,
colhendo louros — onde as urzes nascem,
pedindo aromas — ao deserto altar;
não são bem d'alma as illusões creadas
tem pouca vida o que se fez nascer,
se não prendemos, como estrella, o sonho
nos róseos dêdos de gentil mulher.

E se a esperança não mentir, se alegres
vêmos o fructo do trabalho após;
se presentimos o futuro cheio
d'essa ventura que palpita em nós;

essas primicias — que nos deu a gloria,
as flóreas palmas — que o porvir nos der,
engrinaldadas, oh! serão por elles...
os róseos dêdos de gentil mulher.

E como a vida é esse mixto enorme
de pranto e riso, de veneno e flor,
quando a lufada nos lançar á noite,
martyr ás feras, peregrino á dôr;
então assoma junto a nós, sublime,
um vulto, a esposa que nos vê soffrer...
E Deus suspende uma esperança ainda
nos róseos dedos de gentil mulher!

Entre sonhos

Adormecias, Mimosa,
e na orla côm de rosa
de tua bôca divina
o riso formava ainda
uma curva pequenina...

Oh! talvez que um sonho d'ouro
que vinha, pleno thesouro
de aromas do paraíso,
ficasse preso em teus labios,
— flor de um sonho e de um sorriso!

Jamais com tal abandono
a mão do flaccido somno
fecha os olhos á criança,
como cerrava os teus olhos
e te desprendia a trança...

Sob a gaze de escomilha
tremião-te os seios, filha,
qual ninho de beijaflor,
sob o véu dos nevoeiros,
cheio de puros olores.

Elle ajoelhou-se.

Trememente
passou seu labio tão rente
de tua bôca em um beijo
que estremeceste, Mimososa,
toda banhada de pejo...

E quando elle o noivo, tremulo,
disse baixinho: sou eu...
ella, as palpebras, cerrando,
murmurou-lhe suspirando:
— eu te amo!...

E adormeceu.

A flor

Rompendo as alvas neblinas,
como uma noiva — seu véu,
desperta a flor das campinas
banhada em prantos do céu..

Abre as folhas, uma a uma,
dourado o seio mostrou,
qual linda bolha de espuma
que um raio do sol córou.

Mas veio n'aza do vento
um insecto friorento,
pediu-lhe o seio e desceu...

Da noite á primeira estrelia,
a flor do campo singela,
a flor murchou e morreu.

O abandono

Era a sua casinha aquella que apparece
em meio do arvoredos, á beira do caminho...
Agora sobre o muro as trepadeiras morrem,
e não se enfeita mais a cruz do terreirinho.

Depois que ella partiu, as pombas não vierão
em bandos agitar as arvores defronte;
e as estrellas de além sumião-se mais cedo
atraz d'aquella serra erguida no horisonte.

Depois que ella partiu, não mais o viajante
achava longa a estrada, ao sol do meio-dia,
para alli se apear, ao vê-la tão bonita,
cahido o seu cabelo em onda luzidia...

E á noite quando a lua assoma na montanha,
as aragens do val não ouvem mais cantigas:
nem mais da visinhança acodem os violeiros
para fazer dansar as lindas raparigas.

Depois que ella cazou... das bandas lá do rio
não mais veio alegrar o primitivo ninho...
Era a sua casinha aquella que apparece
em meio do arvoredado, á beira do caminho.

Te Esqueceste !

Uma noite junto ao lago,
onde as estrellas brilhavão,
nossas mãos, uma na outra,
não sei porque palpitavão,

n'aquella noite de estio
em que as ondas murmuravão.

Quando dizia: eu te amo!
tu suspiravas baixinho
e estremecião teus seios,
medrosas pombas no ninho...

e como em sonhos de virgem
tu suspiravas baixinho.

Da fímbria dos horisontes
os anjos nos espreitávão
doudos por vêrem teus olhos
que de pejo se baixavão...

n'aquella noite de estio
em que as ondas murmuravão.

E depois quando partimos,
as virações da campina
nos seguião pela estrada
ouvindo-te a voz divina...

e teu nome repetiãõ
as virações da campina.

Chegados á encruzilhada
nós balbuciamos um beijo,
tão depressa me fugias,
enrubecida de pejo...

Sob o véu dos teus cabellos
nós balbuciamos um beijo!

No emtanto, se aquella noite
pudésse embora fallar...
do lago, do céu, do beijo,
d'aquelle mago sonhar.

eu sei que não te lembraras...
Ai! não sabias amar!

Entre Sombras

Oh! se eu pudésse engrinaldar de flores
o vulto negro d'esta nossa cruz,
e nos caminhos, onde crescem dores,
em vez de prantos derramar a luz;

oh! se eu pudésse, por um só momento,
sentir o sonho do futuro em mim,
—o sonho... gotta no areal sedento,
folha perdida pelo mar sem fim:

eu não achára tantas vezes — pranto
d'esses teus olhos no formoso céu,
e sobre labios que me fallão tanto!
eu não achára da tristeza o véu...

Não encontrei da promessa os valles,
e como as plantas que de frio morrem,
vejo meu sonho entrefechando o calix
longe do clima onde os orvalhos correm.

E sobre mim, ai! tu debalde estendes
as duas azas do teu grande amor:
é tarde! o mal que me corróe e offende
se esconde n'alma, como verme em flor.

Sim, minha amiga! as estrellinhas forão,
aves errantes, se expandir além:
fiquei com os prantos que teus olhos chorão,
fiquei com as sombras que minh'alma tem!

Serenata

É noite. A lua suspensa
d'entre cortinas azues
sonha rodeada de estrelas,
soltas grinaldas de luz...

Pois bem: eu troco esta noite
que te encanta, minha flor,
pela noite de teus olhos
cheia de estrelas de amor!

A fralda da camisa

Eu vi-a n'uma tarde. Ergui-a ao collo...
beijo-lhe a bôca, e a tímida Florisa
de envergonhada esconde o rosto inteiro
na pontinha da fralda da camisa.

Fil-a dansar depois: graciosa e bella
algumas voltas deu na walsa lisa:
mas com as duas mãos de leve erguia
a pontinha da fralda da camisa.

Encontrei-a uma noite: ella chorava;
afaguei-a de prompto, e indecisa
a derradeira lagrima perdeu-se
na pontinha da fralda da camisa.

Fui vê-la n'outro dia. Entre roseiras
ora a cantar fugia, douda brisa,
ora apanhava flores no regaço
que fizera na fralda da camisa.

Mas, o botão abriu-se em linda rosa...
o pé sob o vestido agora pisa...
E eu, ai! não vi mais, nem por descuido,
a pontinha da fralda da camisa!

Saudosa

Era uma flor de espuma
que o vento abre na vaga,
o véu de um'alva bruma
que o menor sopro estraga;

luzinha que reçuma
do céu e já se apaga,
miragem que se esfuma
do mar na linha vaga;

era taça, partiu-se;
vela branca, sumiu-se
nos véus da immensidade,

aquella nossa esp'rança...
Se o não era, criança,
porque veio a saudade?

Os Anjos

Á noite, quando as neblinas
boiando á luz do luar
silentes passam nas plagas,
a flor das múrmures vagas
forma-se um anjo no mar.

Quando a aurora sopra as nuvens,
as nuvens de rubra côr,
resvala do orvalho a gotta,
e em cada arbusto que brota
forma-se um anjo na flor.

Á tarde, as névoas descambão
pela montanha a rolar:
o vento sacóde as azas,
e em cada floço de gazas
fórma-se um anjo no ar.

Da mulher nos labios puros,
quando reza o coração,
como da rosa — o perfume,
como a luz — d'entre o negrume,
nasce o anjo da oração.

E quando ás vezes contemplo
teu semblante seductor,
formosa, ao sol dos meus sonhos,
n'esses teus olhos risonhos
forma-se o anjo do amor!

Amor e medo

(SOBRE UMA PAGINA DE CASIMIRO DE ABREU)

Ao pé de ti, quando eu contemplo tremulo
o teu semblante de morena côr,
e os labios teus onde a innocencia falia
e o riso brinca endoudecendo o amor;
não sei que raio de loucura passa
por minha fronte enfebrccida então...
e eu tenho medo de perder tu'alma,
vendo entre as minhas palpitar-te a mão!

Oh minha amante! muita flor do campo
quando a queimada abrasadora vôa
não vê o incendio calcinar-lhe as folhas
e o seu perfume a se esvair atôa...
Mas tu bem sabes pelo céu da vida
abrem-se estrellas de mortal clarão...
e eu tenho medo de sentir teu halito
vendo entre as minhas palpitar-te a mão!

Tu não tens medo de fitar o abysmo
onde a cascata se quebrando alveja?
abrir o seio ás virações do inverno
quando o luar os teus cabellos beija?
O amor tambem o seu abysmo esconde,
ergue as estrellas e resfria o chão...
por isso eu temo envenenar teus sonhos,
vendo entre as minhas palpitar-te a mão...

Quando o futuro illuminar a vida,
nós dormiremos sob o mesmo céu;
e eu te prometto de minh'alma os louros
para as coroas do noivado teu...

E as andorinhas perpassando tímidas
ao pé de nós a suspirar virão
por entenderem meus colloquios doces,
vendo entre as minhas palpitar-te a mão!

Do prado as auras, da floresta os passaros,
que outr'ora ouvirão de meu canto a voz,
e as borboletas do paiz dos lyrios
irão ás flores perguntar por nós...
E quando á tarde nas roseiras languidas
vier o vento murmurar em vão,
as estrellinhas se erguerão mais cedo,
vendo entre as minhas palpitar-te a mão!

Depois, á noite, no silencio augusto
que se derrama no abençoado lar,
quando vieres, com os cabellos soltos,
tremula a voz, a languidez no olhar,
então mil vezes beijarei teus labios,
louco, encendido, na febril paixão...
e os anjos todos descirão á terra,
vendo entre as minhas palpitar-te a mão!

A borboleta

I

Abriu-se o lyrio. Virgineo
de orvalho o calix se encheu,
e no tapete gramíneo
corre a brisa e a flor pendeu.

E o rócio cahiu em perolas,
a luz se expandiu no céu...
Do lyrio nas folhas cêrulas
de um'aza se estende o véu..

Não tremas, flor, que não pouasa
a triste da maripôsa
no teu seio avelludado...

É tua amante dilecta,
a dourada borboleta,
a peregrina do prado.

II

Veio a tarde. Ao sol poente
canta o sabiá dolente
nas lorangeiras do rio;

e rente ao chão da campina
da flor a caule se inclina,
como um tumulto vazio.

A amante junto agoniza...
as azas levou-lhe a brisa,
levou-lhe a brisa — o amor;

mas o destino que fere-a
fez-lhe uma cupla funerea
do calix da mesma flor!

O berço

Alvo ninho pequenino
entre corymbo de flores,
cheio de inquietos rumores,
cheio de aroma divino,

move-se o berço á toada
de cantilenas suaves,
como a cantiga das aves
no seio da madrugada.

No véu que alli se balança
a brisa doce resvala:
e para não acordal-a
nem sequer beija a criança.

De suas azas sacode
todo o perfume que trouxe
se a criancinha agitou-se,
e a mãe tremendo o acode.

E sobre ella se estendem
entre cortinas mimosas,
como azas brancas, sedosas,
dous braços que se suspendem.

Ouvindo o canto que sôa
de quando em quando a criança,
ergue as mãos a vêr se alcança
um anjo que longe vôa...

e o mais alegre sorriso
lhe franze a bôca vermelha:
e o materno olhar espelha
uma luz do paraíso.

Um mixto de amor profundo
e de vaidade divina
deslisa e brando illumina
o seu semblante jucundo.

Oh! n'esse momento immerso
nas delicias do carinho,
o passaro junto ao ninho,
a mãe ao pé de seu berço,

derramão toda a ternura
que no amor se continha...
E Deus d'alli se avisinha,
tanto sóbe a creatura!

Bemdito o lar onde eu ouço
nas horas mortas do somno,
como em languido abandono,
um expressivo balouço.

N'aquelle santo momento
a noite vâa baixinho,
como na beira do ninho
deslisa tremulo o vento...

Entraí! na alcova se agita
molle perfume; no meio,
como uma pomba no seio
de sua amiga dormita,

sonha o filhinho á toada
de cantilenas suaves,
como a cantiga das aves
na hora da madrugada !

Novembro do 1871.

Partindo...

É tempo de quebrar esse thesouro
d'onde tanta illusão se desprendia!
Foi bem longo o dormir;*mas vem o dia
entornando no mar o cálix d'ouro.

Se outr'ora a seduccão roçou-me as faces,
como um raio que passa pelo escuro;
se eu embalde criei o meu futuro,
minhas glorias de amor, sombras fugaces;

tudo, mulher, fugio da mocidade
cujo sonho a desgraça despedio...
e ás vagas entreguei meu lenho esguio
erguendo a ti um brado de saudade.

E dura a provação; mas a mortalha
que envolve o coração é Deus quem corta:
tambem do ramo cáe a folha morta,
e a perola dos mares se esmigalha.

Junto ao piano

Era de noite. Ao piano
ella sentou-se e cantava.
Nem uma estrella a escutava
que negro era o ceu então...

Apenas longe, entreabrindo
as pefflas do devaneio
estremecia de anceio
uma flor, — o coração!

Ai! que era um canto suave,
como não canta uma ave
da primavera ao fulgor...

Dize-me agora, baixinho:
nunca sentiste o carinho
da leve aza do amor?

II

Aquelle canto tristonho
só nos labios da saudade
geme assim. A mocidade
desfere um hymno risonho.

A voz onde estala o trino
da alegria e da esperança,
ai! não, ai! não alcança
aquelle thema divino.

É preciso ter soffrido,
ter chorado, ter gemido
nos estos de alguma dôr...

Dize-me agora baixinho:
nunca sentiste o espinho
que tem da saudade a flor?

III

Quem sabe se no declive,
em que tu descas agora,
alguma fonte sonora
da illusão inda derive?

se em tu'alma angustiada
um raio da primavera
entreabrir inda pudéra
do porvir a luz amada?...

E se assim fôra, chorosa
com a saudade não generas
aquelles doídos ais!

Depois, c'roada de rosas,
aquella noite esqueceras...
ai! não cantarias mais!

Nocturno

Se no ninho côr de rosa
a mimosa
avesinha vae pousar,
— abre-me as duas mãosinhas
deixa-me a fronte inclinar...

Assim, n'est'hoa silente,
em que rente
do azul o sonho nos vae,
quando a mulher para a estrella
volve os olhos e a luz cáe;

quando a névoa estende a gaza,
 como uma aza
aberta pela amplidão:
deixa-me junto a teus seios,
junto do teu coração...

Sonhemos... a noite é calma;
 a mnh'alma
geme de amores por ti.
As vagas sonhão nos mares,
vamos nós sonhar aqui.

Canta as cantigas de outr'ora,
 n'esta hora
de amor e santo luar:
troco a harmonia da noite
pelo teu mago cantar.

Não ouves? a mim parece
 que além desce
um murmúrio divinal
das estrellas para as ondas,
do céu azul sobre o val.

Na vaga das harmonias,
fugidias
brincão ondinas de amor,
como os insectos da tarde
das enchentes ao rumor!

Por beijar a tua bôca,
ave louca
voa minh'alma, não vê?
em quanto marcas compasso
com a pontinha do pé.

Nunca mais !

Ella cantava:

« Saudade!

« ergue-te e vâa após elle:

« o brando sopro que impelle

« as folhas na immensidade

« ha de levar-te. E, chorando,

« como em murmúrio amoroso,

« dirás a meu nobre esposo

« que longe vae: até quando...

« até quando aos meus suspiros
«responderá dos retiros
«sómente o écho fugaz?...

« Quando o verei?... »

Entre as flores
como que uns vagos rumores
murmurarão: — nunca mais ! —

Ave Maria!

A SUZANNA

Eu sei, filha! és pequenina,
tua bôca balbucia...
mas n'esta hora divina
tem a flor, o rio, o vento,
a nuvem do firmamento
— as azas de uma harmonia!
Junta assim tuas mãosinhas...
o sino das igrejinhas
dobra longe

Ave Maria!

Vem rezar. Deixa que o riso
se esfolhe aos pés do Senhor:
sorrindo, pede a criança,
sorrindo, abre-se a flor...

Se a lagrima é como a baga
da semente que germina,
e cáe a névoa divina
no coração que a verteu:
o rir da criança é ambula
que uns alvos sonhos encerra:
attrahe as brisas da terra,
attrahe os anjos do céu...
n'esta hora de harmonia,
quando pousão andorinhas
na torre das igrejinhas
ao dobre de

Ave Maria...

Vem rezar. Além, formosa,
te escuta a Virgem sorrindo;
e o seu anjinho mais lindo
beija-te as faces de rosa.

Agora as nuvens que passam
vêm, como um iris distante,
tua oração balbuciante
prendendo meu lar ao céu.
Mais tarde quando sonhares
entre as gazes da cortina
verás uma aza divina
aberta no ninho teu...

Oh! como és bella rezando!
encruzadas as mãosinhas,
loura a cabeça inclinando;
emquanto ao mar echoando
o sino das igrejinhas
dobra ao longe

Ave Maria!

Vem junto a mim. Duas ancoras
á minh'Ima Deus prendeu :
— tua mãe, aqui na terra,
e Maria, além no ceu...

Encruza, pois, as mãosinhas ;
que compassão-te a harmonia
as auras do fim do dia
que levão das igrejinhas
o dobre da

Ave Maria!

E quando cresceres, filha,
n'esta hora melodiosa,
que a prece orvalhe a rosa
que em tu'alma rebentar...
Deve ter o céu — estrellas,
deve ter o mar — ondinas,
mas n'alma as vagas divinas
da oração devem cantar...
quando ao valle as andorinhas
abater a noite fria,
e o sino das igrejinhas
dobrar longe

Ave Maria!

A fita rubra

... arranca meus louros da fronte
e dá-me por c'rôa... teu laço de fita!
CASTRO ALVES .

A vez primeira em que te vi sorrindo,
olhos erguidos n'um scismar do céu,
prendi as azas de meu sonho — a gloria
na fita rubra do cabelo teu.

Flores que a aurora fez brotar de um ramo,
grupo de anjinhos que ao altar se ergueu,
as esperanças se entrelação todas
na fita rubra do cabelo teu.

Não vês nas folhas da vermelha rosa
brilhando as per'las que a neblina deu?
assim meus sonhos se balançãõ, brincãõ
na fita rubra do cabelo teu...

Na trepadeira o colibrí formoso
seu alvo ninho junto á flor teceu...
eu tenho um ninho de illusões, que prendo
na fita rubra do cabelo teu!

Ai! quanto seio a palpitar no mundo!
quanta estrelinha sobre o mar nasceu !
minh'alma vive de teus olhos bellos,
na fita rubra do cabelo teu.

Eu, que não era mais que o pobre insecto
que foge á luz, que a viração temeu,
eu sinto agora a elevaçãõ do vôo
na fita rubra do cabelo teu !

E quando um dia eu te disser: és minha!
ás nossas crenças cobre o mesmo véu...
ao pé dos anjos que sorrindo beijão
a fita rubra do cabelo teu,

tu acharás no meu thesouro d'alma
sonhos e gloria, e no porvir no céu
verás teu nome, como estrellas, preso
na fita rubra do cabelo teu.

Sensitiva

Não soltes dos cabellos
o véu sedoso, escuro
que rola ao seio puro
em flaccidos novellos.

A sombra cobre os ninhos,
a onda é sob a espuma:
o beijo não perfuma
nem um dos meus carinhos!

Se fujo... eu sei que choras!
se volto... encantadoras
as luzes da esperança

desmaião em segredo...
e sentes tanto medo,
oh pállida criança!

II

No emtanto puro e calmo
o meu amor se agita,
e se terno palpita
mais terno ha de ficar,

ai! quando tu prenderes
a tua mão captiva
na minha, e compassiva
tu'alma se inclinar

á minha obscuridade
tão cheia de saudade,
tão erma de esperança.

Então no meu degredo...
mas, ai! tens tanto medo,
oh pállida criança!...

Doentinha !

Dormia. Abandonada
cahia-lhe a mão mimosa,
qual a murcha tuberosa
á beira d'agua inclinada.

Pela bôca peregrina
nem um riso estremecia;
o olhar se amortecia
na embaciada retina.

O seu offegante peito
como a custo respirava:
o pesadêlo estirava
as azas sobre seu leito...

Ai, de mim! pállido, afflicto,
na dôr immensa abatido
chorava a cada gemido...
ia-me n'alma o seu grito...

E via ao pé da cortina
de seu berço, outr'ora em flores,
sua mãe, cheia de dores,
no desespero... divina!

Ergui-me. A noite era bella:
murmúrios d' aura na terra,
névoas na crista da serra,
luzes no seio da estrella.

Dobrei os joelhos... chorava
em face do azul risonho:
era um rochedo tristonho
que, um mar de luz destacava...

E agora, meu louro anjinho,
que este lar quasi perdeu,
não troques mais teu bercinho
por duas azas no céu!

Na reza

Quando esses olhos tão bellos
levantas ao firmamento
e desenrola-se ao vento
a onda dos teus cabellos;

e tua boca palpita
n'uma supplica divina,
como a rosa matutina
abrindo a caule se agita;

oh minh'amada, nem pensas
nas alegrias immensas
que inundão meu coração,

se tu murmuras baixinho,
na ternura de um carinho,
meu nome em tua oração!

Elisa

FRAGMENTO

(L. VEUILLOT)

Agora, de vagar. É tua vez, Elisa.
Vem só. É malicioso e meigo esse teu ar.
Uma ave ia fugir, mas p'ra escutar-te volta...
ai! pobre menestrel, não vás te apaixonar!

Esfrolada de manso, a relva se levanta
para melhor sentir o vôo de teus pés...
E em tu' alma, poeta, a musa agita um sonho
que não se esquece, não, mas tem-se uma só vez!

Assim dansão no mar os fogos encantados,
assim a nuvem branca embala-se no céu;
assim a primavera em sopro lento e brando
nos arbustos em flor derrama o seu trofeu.

E a nuvem se desfaz no azul do firmamento,
os perfumes, a luz se perdem a voar...
e tu, moça innocente, ai! possas como elles
após tua manhan na terra não tocar!

oh minh'amada, nem pensas
nas alegrias immensas
que inundão meu coração,

se tu murmuras baixinho,
na ternura de um carinho,
meu nome em tua oração!

Tu és no céu da tarde a nuvem côr de rosa
que leva as orações que a virgem desprendeu
e vae depor além a offrenda mysteriosa...
o crepusc'lo sou eu.

Tu és o beijaflor de pennas iriadas
cruzando da campina o perfumoso véu;
seguem-n'o a luz, o aroma, as auras encantadas...
a ave triste sou eu.

Tu és de uma visão a imagem attrahente
que em afagos envolve o ser que a mereceu,
e nos vae collocar, do paraíso rente...
pesadêlo sou eu.

Tu és a flora azul do amor e da esperança,
que o frio não tocou, que o vento não bateu.
Eterna é a primavera ao pé de ti, criança...
a lagrima sou eu.

Pois bem; ha um proscripto e pede-te um abrigo:
tem frio, quer o sol; no ábysmo, implora o céu...
Abre-lhe da esperança o lar, divino, amigo...

O proscripto sou eu!



NOTA

ROSA MYSTICA

Esta poesia foi offerecida ainda em vida do desditoso artista— que falleceu em São Paulo, a 7 de Janeiro de 1871.

A *Rosa mystica* foi a penúltima gemma de sua invejável corôa de composições musicaes; corôa, onde se enlaço — as *Reminiscencias* e *Lagrimas da aurora*, a que a poesia allude.

I N D I C E

	Pag
Carta preliminar.....	7

PRIMEIRO LIVRO

A volta.....	15
Flor no gêlo.....	21
Ave dourada.....	25
Na waka.....	27
Reminiscencias.....	33
A estrella.....	35
Uma noite em São Paulo.....	39
Soneto.....	43
O beijaflor.....	45
A familia.....	49
A. de Castro Alves.....	53
Jaraguá.....	57
Ruinias.....	61

	Pag.
O drama	65
A margem.....	69
Rosa mystica.....	73
Velho thema.....	77
Miserere.....	79
pelo rio.....	83
Piracicaba.....	89
Destino.....	93
O derradeiro adeus!.....	95
Desillusão.....	101

SEGUNDO LIVRO

Dedicatória.....	109
Alvorecer.....	111
A mulher	115
Entre sonhos.....	119
A flor.....	123
O abandono.....	125
Te esqueceste!.....	127
Entre sombras.....	131
Serenata	133
A fralda da camisa.....	137
Saudosa	139
Os Anjos.....	141
Amor e medo.....	143
A bor bol et a.....	147

	Pag
O berço.....	151
Partindo.....	155
Junto ao piano.....	157
Nocturno.....	161
Nunca mais!.....	165
Ave Maria.....	167
A fita rubra.....	171
Sensitiva.....	175
Doentinha!.....	179
Na reza.....	183
Elisa.....	185
Tu és.....	187
Nota.....	191